

# MÚSICA, ESCOLA E CONSTRUÇÃO DE POLÍTICAS LOCAIS DE EDUCAÇÃO MUSICAL: UM ESTUDO NA CIDADE DE UBERLÂNDIA, MG

*Margarete Arroyo*

**Resumo.** O objetivo desta comunicação é apresentar os resultados finais de uma pesquisa realizada entre agosto de 2000 e julho de 2002. Essa pesquisa teve por finalidade desvelar as representações sociais que estudantes e profissionais de uma escola municipal de ensino básico de Uberlândia, MG, têm sobre música, sobre a presença da música na escola e sobre seu ensino e aprendizagem. Uma meta mais abrangente foi levantar dados que subsidiassem a construção de políticas locais de educação musical na rede municipal de ensino. Os resultados apontaram para uma diversidade de representações e de experiências musicais tanto dos estudantes quanto dos profissionais da escola. Como subsídios para a construção de políticas locais de educação musical, o estudo apontou necessidades que não diferem substancialmente dos resultados alcançados por outras investigações. Entretanto, evidenciou um aspecto que deve sustentar essas políticas: estar atento ao cruzamento de experiências musicais **locais** no contexto da escola.

## **Introdução**

O objetivo desta comunicação é apresentar os resultados finais da pesquisa "Representações sociais sobre música em escolas públicas de Uberlândia, MG: subsídios para políticas educacionais", realizada de agosto de 2000 a julho de 2002. Essa investigação teve por finalidade desvelar as representações sociais que estudantes e profissionais de uma escola municipal de ensino básico da cidade de Uberlândia, MG, têm sobre música, sobre a presença da música na escola e sobre seu ensino e aprendizagem. Uma meta mais abrangente foi a de, a partir desse estudo, levantar dados que subsidiassem a construção de políticas locais de educação musical na rede municipal de ensino<sup>1</sup>.

O critério de seleção da escola foi baseado em que a instituição abrigasse turmas de pré-escola, de primeira e segunda séries do ensino fundamental e que seus dirigentes, professores, orientadores e estudantes tivessem interesse em participar do projeto. O foco nessas turmas esteve fundado na relevância dessa fase inicial do processo de escolarização.

---

<sup>1</sup> Essa pesquisa contou com o apoio financeiro do programa PIAP - Programa Institucional de Apoio à Pesquisa - Pró-Reitoria de Pesquisa, Universidade Federal de Uberlândia (agosto de 2000) e teve seu mérito reconhecido no programa "Apoio a Projeto de Pesquisa" do CNPq (outubro de 2000).

A metodologia de investigação constituiu-se de técnicas etnográficas e o desenvolvimento da pesquisa contou com a valiosa contribuição de duas bolsistas de Iniciação Científica, Mirian Carmen Machado (2001; 2002) e Juliana Pereira Penna (2001; 2002), a primeira concentrando-se nas turmas de pré-escola e suas experiências musicais formais e informais; a segunda, nas primeiras séries, focalizando a temática "música e pluralidade cultural". As segundas séries ficaram a meu cargo, e o foco foi as experiências formais e informais e a valorização da diversidade cultural<sup>2</sup>.

Seguindo um referencial teórico sustentado pela Antropologia Interpretativa, Etnomusicologia e abordagem sociocultural da Educação Musical, as categorias básicas da pesquisa foram: o conceito sócio-antropológico de "representação social", educação musical formal e informal, fazer musical como prática cultural (Arroyo, 1999; 2000a e b; Arroyo; Penna; Machado, 2001). A noção de cultura está baseada na concepção geertziana de teia de significados que conferem sentidos às práticas sociais (Geertz, 1989).

Essa pesquisa mantém uma continuidade com a investigação que desenvolvi entre 1995 em 1999 quando, seguindo o mesmo modelo teórico-metodológico, os espaços de inserção foram outros dois contextos de ensino e aprendizagem musical da cidade de Uberlândia: o ritual afro-católico do Congado e o Conservatório Estadual de Música (Arroyo, 1999). É importante destacar essa continuidade, já que na escola focalizada foi possível observar a presença de experiência musical oriunda dos dois espaços estudados anteriormente. Esse dado trouxe a possibilidade de reflexões e interpretações relativas ao cruzamento de mundos musicais locais no espaço escolar, tema focalizado em outro texto (Arroyo, 2002).

## **Resultados**

Em face do montante de dados coletados, serão privilegiados apenas os resultados que remetem diretamente à construção de políticas locais de educação musical. Esse recorte é feito por acreditar que a construção de políticas locais seja um dos desafios atuais da Educação Musical. Dessa maneira, é importante ressaltar que esse estudo seguiu como premissa a idéia de que

“A educação musical é uma colagem de crenças e práticas. Seu papel na formação e manutenção dos [mundos musicais] – cada qual com seus valores, normas, crenças e expectativas – implica formas diferentes nas quais o ensino e aprendizagem são realizados. Compreender esta variedade sugere que pode haver inúmeras maneiras nas quais a educação pode ser conduzida com integridade” (Jorgensen, 1997, p.65-66).

Em outras palavras, trata-se da premissa de que modelos totalizantes e universalizantes de ensino e aprendizagem formais de música têm apresentado dificuldade de serem implementados na sociedade contemporânea. O que se tem considerado como mais adequados são modelos locais que atendam a especificidades sociais e culturais. É nesse sentido que essa pesquisa, seus resultados e discussão devem ser compreendidos.

Os resultados serão apresentados a partir dos seguintes temas: representações sociais sobre música, sobre sua presença na escola e especificidades socioculturais da escola, cenário do estudo.

### **Das representações sociais**

As representações sociais são compreendidas como uma forma de saber conceitual e prático construído e compartilhado coletivamente a partir das interações sociais (Durkheim, 1994; Moscovici, 1988). Essa forma de saber, embora em permanente processo de reconstrução, dado o dinamismo das culturas, dirige nossas ações. Daí a relevância de focalizar as representações como objeto de estudo, pois como se representa música, sua presença na escola e seu ensino e aprendizagem têm implicações diretas nas ações nessa área.

Ao reconstituir as representações sociais através das práticas e falas dos atores pesquisados, reconstitui-se sentidos de vida e de compreensão da realidade e entende-se por que determinado grupo social age como age. Assim, ao buscar desvelar as representações sociais citadas acima, busquei compreender a lógica que rege a presença da música nesse espaço, que não contava com a presença de professor especialista em música<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> As bolsas foram concedidas pelo programa PIBIC-UFU-CNPq em agosto de 2000, sendo renovadas em agosto de 2001.

<sup>3</sup> Entretanto, contava com professoras de Educação Artística que trabalhavam Artes Plásticas e com professores de Educação Física.

24/04/2001 - Cheguei à escola bem quando soava a sirene, anunciando o início do turno da tarde. Algumas crianças ainda chegavam na garupa de bicicletas ou de motos. Algumas bicicletas eram trazidas por mães ou por irmãos mais velhos; as motos eram dirigidas na maioria pelos pais. Muitas crianças vinham à pé, acompanhados das mães e de irmãos mais novos; outro tanto vinha de transporte escolar e alguns de carro. Lucas<sup>4</sup> vinha chegando com um menino da manhã. Ele, feliz, perguntou-me: *hoje vai ter aula de música?* Eu: vai. Ele: *Yes!* Falou feliz e vibrante<sup>5</sup>. (D.C<sup>6</sup>, Margarete).

Nesse abril de 2001 já estávamos<sup>7</sup> há oito meses em trabalho de campo. Como somente a interação com as crianças e professoras feita durante a entrada e saída dos turnos e durante o recreio não foi suficiente, decidimos interagir também em sala de aula, realizando atividades musicais com as turmas. Não nos propusemos a desenvolver um trabalho sistemático de educação musical, apenas realizamos atividades musicais com o intuito da interação.

Neste segundo semestre de trabalho com as crianças, a reação de Lucas ao me ver era recorrente em vários alunos, principalmente os da 1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> séries com quem já havíamos trabalhado anteriormente. Aquele pequeno diálogo aponta para o que pudemos observar por parte das crianças: um forte interesse pelas atividades musicais, acompanhado de alegria e de envolvimento afetivo, corporal e cognitivo. As crianças traziam suas experiências musicais para os encontros semanais que mantínhamos com cada turma; traziam seus instrumentos, cds, fitas, histórias.

### **Sobre a presença da música na Escola**

Mas nem sempre era assim. Neste mesmo primeiro semestre de 2001 quando pude observar a interação de uma das bolsistas com as turmas de pré, percebi em duas classes uma apatia muito acentuada das crianças. Neste período, as coordenadoras comentavam que as turmas estavam com muita dificuldade de adaptação ao sistema escolar. Uma

---

<sup>4</sup> Os nome são fictícios.

<sup>5</sup> O texto em itálico refere-se à fala dos atores sociais.

<sup>6</sup> D.C. refere-se ao diário de campo

<sup>7</sup> A primeira pessoa do plural indica as três pesquisadoras em campo.

professora, Verônica, de primeira série, referiu-se a esta apatia em outra ocasião e como recorreu à música para criar outra dinâmica:

*18/12/2000 - Igual quando eu peguei esses menininhos, era aquela indisposição, aquela falta de vontade... aquela descrença. Tudo que você perguntava: qual é o nome do seu pai? Não sei. Qual o nome de sua mãe, que rua você mora, eles não sabiam responder... Então, a partir do momento que você começa a cantar ... aquelas musiquinhas que eu invento para estar trabalhando o sonzinho das músicas... às vezes ele tá errando eu canto: Cuidado com a letra c, cuidado com a letra c (a professora cantarola com expressão e entusiasmo). A maior parte das músicas é paródia. Mas também inventamos. Tudo eu que criei (ela ri) e com eles, você sabia? Sempre eu falava uma historinha, um texto. Agora vamos pôr música? Às vezes eu até começava. E você precisava ver a vibração deles ao verem que eles foram os criadores. Olha! eu que fiz o pedaço dessa música!, eu que criei! Foi assim bem interessante. Eu acho assim... Esse trabalho é muito rico. Além da criança estar aprendendo a palavra, o texto, tudo que ela precisa aprender, ela tá dentro dela criando a possibilidade de estar sendo autor, compositor, criador. (entrevista concedida a Margarete)*

Verônica tinha uma história pessoal de proximidade com música, embora nunca tivesse estudado. Além do entusiasmo com esse trabalho, a professora utilizava de música para estimular a aprendizagem de outros conhecimentos, para estabelecer uma relação afetuosa com o grupo, para fazê-lo produzir, não só de modo reprodutivo mas também criativo.

Esses entendimentos da música na escola variavam entre as professoras generalistas. Das doze com quem interagimos durante a pesquisa, três delas, incluindo Verônica, trabalhavam com música em suas turmas, sendo que uma utilizava violão para acompanhamento. As outras professoras diziam gostar de música, mas sentiam-se limitadas por não *saberem música*. Dos doze professora, apenas uma recusou-se a nos aceitar na sua turma.

### **Das especificidades sociais e culturais**

Por especificidade sociais e culturais quero dizer das experiências de vida dos estudantes e dos profissionais da escola. Uma tarefa importante na pesquisa foi levantar as experiências musicais informais e extra-escolares e observar como elas eram trazidas e recebidas na escola.

Michael foi uma das crianças que chamou minha atenção. Nos nossos encontros na 1ª série e depois na 2ª, queria sempre tocar violão. Sabia algumas posições que aprendera com o tio que tocava o instrumento. Um mapeamento dessas experiências com as crianças mostrou uma diversidade de práticas musicais ligadas à família - do avô catieiro, ao pagode, aos vizinhos e parentes congadeiros, aos foliões de reis, ao solfejo do *Bona* na igreja evangélica e ao sonho de tocar sax nessa mesma igreja depois de aprendidas as notas, ao Conservatório Estadual de Música onde várias crianças estudavam violino, flauta doce, piano e teclado.

24/11/2000 - Recreio: Nesse dia o irmão de Salomão pediu-me para bater corda. O menino, Samuel, era aluno do pré. Antes de brincarmos de corda, falei sobre o irmão na 2ª série e que ele havia me dito que tocava violino. Estabelecemos, então, um diálogo sobre a sua própria experiência musical que eu sabia estar ligada à uma igreja evangélica:

Eu: e você, toca algum instrumento? *Samuel: não, faço o Bona.* Eu: você faz na igreja? *Samuel: do lado da igreja tem um casinha e a gente tem aula lá.* Eu: e qual o instrumento que você quer tocar? *Samuel: sax.* Falou com muita naturalidade, expressando familiaridade com vários instrumentos que a vivência na igreja lhe proporcionava. Eu: seu pai toca instrumento? *Samuel: toca trombone.* Eu: que igreja é? *Samuel: Congregação Cristã.*

## **Discussão e conclusão**

Como foi ressaltado anteriormente, desvelar as representações sociais implica em compreender por que as pessoas agem do jeito que agem. Na escola focalizada, o interesse pela música era grande, quer por parte da maioria de seus profissionais, quer por parte dos estudantes. Esse interesse era evidenciado, em palavras e ações, por diversos motivos: momento de prazer, de relaxamento, de aprendizagem de outros conhecimentos, de envolvimento corporal, afetivo e cognitivo. As professoras que recorriam às atividades musicais com suas turmas, faziam-no de modo intuitivo e dizendo-se desejosas de mais informações. As crianças demonstravam todo o seu potencial musical.

A oportunidade de vivenciar a dinâmica dessa escola proporcionou além da nossa iniciação no sistema municipal de educação, levantar dados para sustentar um trabalho com música na formação inicial e continuada de professores generalistas, bem como na formação de educadores musicais. Além disso, a pesquisa abriu caminhos para uma maior interação entre os cursos de música da universidade local e a comunidade ligada ao sistema de educação municipal.

Como subsídios para a construção de políticas locais de educação musical, o estudo apontou caminhos que não diferem substancialmente dos resultados alcançados por outras investigações da mesma natureza. Entretanto, evidenciou um aspecto que deve sustentar essas políticas: estar atento ao cruzamento de experiências musicais **locais** no contexto da escola. Acolher as experiências como o Congado, a Cartira, a Capoeira e o Pagode, o que se aprende no Conservatório e nas igrejas, implica na construção de modelos locais educação musical.

Apesar da delimitação sociocultural desse estudo, acredito que ele possa contribuir teoricamente e praticamente para com a Educação Musical. Teoricamente, ao desvelar práticas locais de ensino e aprendizagem musical e a partir da análise e interpretação dessas práticas, ampliar a visão de processos de ensino e aprendizagem musical. Praticamente, ao registrar que essas práticas musicais adentram a escola, podendo constituir-se no ponto desencadeador de uma aprendizagem sistemática da música.

Durante a pesquisa pudemos experimentar algumas possibilidades dessa metodologia de trabalho com música (Penna, 2002), que esperamos realizar de modo mais sistemático em outros projetos. Além desse desdobramento da investigação, estão os planos de: realizar uma inserção da mesma natureza em outra escola que atenda adolescentes; iniciar um trabalho conjunto com a equipe de Artes da Secretaria Municipal de Educação de Uberlândia (trabalho iniciado em maio de 2002) e desenvolver um projeto de pesquisa, já aprovado e contemplado com uma bolsista de Iniciação Científica, cujo foco é levantar documentação relativa ao lugar da música nas políticas educacionais da Secretaria Municipal de Educação de Uberlândia entre 1970 e 2002, abordando, agora, aspectos macro da música no contexto das escolas municipais de Uberlândia

### **Referências bibliográficas**

ARROYO, M. Mundos musicais locais e educação musical. *Em Pauta* - Revista do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002 (no prelo).

\_\_\_\_\_. Um Olhar Antropológico sobre práticas de ensino e aprendizagem musical. *Revista da ABEM*- Associação Brasileira de Educação Musical, n.5, p.13-20, 2000a.

\_\_\_\_\_. Representações sociais sobre música em escolas públicas de Uberlândia, MG: subsídios para políticas de educação musical. In: *Anais do IX Encontro Anual da ABEM*, Belém, Pa, set. 2000b. Edição eletrônica- Disquete

\_\_\_\_\_. *Representações sociais sobre práticas de ensino e aprendizagem musical: um estudo etnográfico entre congadeiros, professores e estudantes de música*, Tese (doutorado em Música) - IA/PPG-Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 1999.

ARROYO, M; PENNA, J.; MACHADO, M. C. *Música no contexto escolar: construindo políticas locais de educação musical*. Trabalho apresentado no 3º Encuentro Latino Americano de Educación Musical. SADEM/ISME, Mar Del Plata, Argetina, 2001.

DURKHEIM, É. Representações individuais e representações sociais. In: Durkheim, E. *Sociologia e Filosofia*. São Paulo, Ícone, pp. 9-54, 1994.

GEERTZ, C. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, Guanabara/Koogan, 1989.

JORGENSEN, E. *In search of music education*. Urbana, University of Illinois Press, 1997.

MACHADO, M. C. *Experiências musicais em turmas de pré-escola de uma instituição municipal de ensino da cidade de Uberlândia, MG*. Relatório Final. Programa PIBIC/UFU/CNPq, Uberlândia, 2001.(mimeo)

MACHADO, M. C. *Música na Educação Infantil: práticas escolares e políticas educacionais na cidade de Uberlândia, MG*. Relatório Final. Programa PIBIC/CNPq, Uberlândia, 2002. (mimeo)

MOSCOVICI, S. Notes towards a description of social representation. *European Journal of Social Psychology*, v.18, p. 211-250, 1988.

PENNA, J. *Música e pluralidade cultural: interfaces possíveis no contexto de uma escola pública de Uberlândia, MG*. Relatório Final. Programa PIBIC/UFU/CNPq, Uberlândia, 2001. (mimeo)

PENNA, J. *Uma mão toca a outra: música e pluralidade cultural na escola*. Monografia (Graduação em Música - Licenciatura) - FAFCS/DEMAC, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2002.